

## **ATÉ ONDE PREGAR DO EVANGELHO DE MARCOS? CONSIDERAÇÕES CRÍTICO-TEXTUAIS PARA PREGADORES.**

*Natan Sales de Cerqueira*<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Todo pregador mais atento já percebeu que há uma questão textual no final do evangelho de Marcos, nos vv. 9-20, que figuram entre colchetes em algumas traduções modernas. O que talvez ignorem é que há mais opções do que simplesmente incluir ou suprimir das Escrituras os vv. 9-20. Neste artigo, quatro diferentes finais de Marcos são examinados: o final breve, o final longo com interpolação (*logion* de Freer), o final com término no v. 8 e o final longo ou tradicional (sem interpolação). Pregadores são o público-alvo do artigo. Não se pretende aqui colaborar com o debate de qual seria o final “correto” de Marcos, mas a responder às seguintes perguntas: diante da evidência existente, é salutar ou não pregar além de Marcos 16:8 do púlpito? Se sim, qual dos finais disponíveis pregar? O exame é tirado do aparato crítico da 5ª edição do “Novo Testamento Grego” (NTG5), publicado pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), que é voltado ao uso prático e aplicado do texto grego, ou seja, a pregação e tradução do Novo Testamento. Considerações gramaticais e teológicas não ocupam lugar central, pois a ênfase é crítica textual. Após analisar todas as evidências trazidas pelo próprio NTG 5, seja no aparato, seja na introdução, o artigo conclui que o pregador que quiser continuar pregando o final longo tradicional pode continuar a fazê-lo, pois a força da evidência favorável a esse final na antiguidade de papiros, da patrística (e.g., Diatessarão de Taciano) e de algumas das versões antigas de tradução da Bíblia ainda não foi desalojada.

---

<sup>1</sup> Atualmente cursando o Bacharel em Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, da Igreja Presbiteriana do Brasil, é candidato ao sagrado ministério do Presbitério Unido (São Paulo, SP). Em vida pregressa, profissional de finanças corporativas de 2011 a 2021, com experiência heterogênea (de grupos globais e empresa própria), MBA pela FGV IDE (2015-17) e bacharel em Administração de Empresas pela FGV-EAESP (2008-12).

## **PALAVRAS-CHAVE**

manuscritologia, crítica textual do Novo Testamento, final breve de Marcos, final longo de Marcos, *logion* de Freer

## **INTRODUÇÃO**

Apesar dos grandes esforços dos copistas ao longo dos séculos, a ciência da crítica textual neotestamentária não entrou em cena – e de modo bastante incipiente – senão consideravelmente após o período renascentista. A história da Bíblia impressa (não apenas copiada em códice) tem início entre 1452 e 1456, com a impressão da Bíblia em latim por João Guttenberg. São necessários mais 70 anos para que se possam ver os novos testamentos gregos de Erasmo (1514) e da Poliglota Complutense (1520). Até esses marcos, foram impressas “mais de cem edições da bíblia latina, pelo menos três edições do Antigo Testamento hebraico, várias edições do saltério grego e não poucas traduções da Bíblia ao alemão, francês, italiano e outras línguas” (ALAND; ALAND, 2013, p. 3).<sup>2</sup>

Diante da situação de que, quem se interessasse pelo Novo Testamento Grego, precisaria conseguir um manuscrito, foi isso que Erasmo fez para a publicação de seu *Novum instrumentum omne*,

---

<sup>2</sup> Para fins de clareza, das três obras utilizadas neste artigo em que Kurt Aland e Barbara Aland estiveram envolvidos, apenas “O Texto do Novo Testamento” terá a referência mantida com seus nomes, pois foram os únicos autores. Para referenciar o texto da 5ª edição do “Novo Testamento Grego” e o da 28ª edição do “*Novum testamentum graece*”, serão usadas simplesmente as siglas NTG5 e NA28, respectivamente.

cujo texto passou a ser conhecido como *Textus receptus* a partir de 1633. Pelo seu pioneirismo, esse foi o texto grego que se consagrou até a crítica do século XIX, alimentada pelas descobertas arqueológicas de antigos manuscritos da Bíblia.

Essas descobertas arqueológicas desalojaram o consenso até então vigente. Um dos principais problemas textuais apontados com a evolução da ciência de crítica textual foi a questão da legitimidade do chamado “final longo de Marcos” ou “final tradicional de Marcos”, ou seja, Marcos 16: 9-20, que não é encontrado em antigos manuscritos unciais como o  $\aleph$  e o B, manuscritos conhecidos, respectivamente, como *Codex sinaiticus*, datado do século IV e descoberto por Constantin von Tischendorf, em 1844, na península do Sinai, e o *Codex vaticanus*, também do séc. IV e presente na Biblioteca do Vaticano desde, pelo menos, o século XV. Eles dois são tidos pela comissão da NA28 (2012, p. xxii), cujo texto grego é seguido identicamente pelo NTG5, como os melhores textos gregos do Novo Testamento.

O desalojamento do consenso prévio acerca do texto bíblico e sua transmissão impactou, inevitavelmente, o púlpito. O autor de um importante manual de homilética do séc. XX, escrito originalmente em 1947, mas traduzido ao português em 1965, traz a seguinte orientação ao pregador que for se valer de um dos textos tidos como já descreditados pela crítica como constantes dos originais. Ele diz ao pregador:

Certifica-te de que o texto *pertence à Bíblia*. [...] Mas sê sincero, caso tentes fazê-lo, dize ao povo que as palavras não aparecem nos manuscritos mais antigos do Novo Testamento, que as usas por julgares que apresentam a verdade acerca do Senhor (BLACKWOOD, 1965, pp. 53-54).

Nos exemplos dados por ele de textos que se encaixam nessa situação, o primeiro dos exemplos é justamente Marcos 16, seguido pela perícopa da adúltera, em João 8:1-11, e da resposta do eunuco etíope a Filipe, em Atos 8:37 (BLACKWOOD, 1965, pp. 53-54).

Para aumentar a complexidade da situação, os estudos da ciência da crítica textual do Novo Testamento mostram ainda a existência de mais *dois* finais para o evangelho de Marcos: um menor (chamado de “breve”) e outro idêntico ao “final longo”, mas com uma interpolação (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 117).

Diante dessa situação, como deveria proceder o pregador comum, que não é um aspirante à ciência da manuscritologia, mas um expositor do texto bíblico em sua comunidade? Deve ele pregar o final estendido de Marcos? Ou melhor, pode? Ou talvez devesse pregar apenas o final breve? Ou ainda, talvez deva encerrar sua exposição no versículo 8? Ou, quem sabe, seria melhor até incorporar a interpolação mencionada em sua prédica? Diante de quatro possibilidades, essas são perguntas justas que merecem resposta, pois o imperativo de seu ofício é “prega a palavra” (2 Timóteo 4:2, Ed. Almeida revista e atualizada). É importante

discernir o que pertence à palavra a ser pregada como autoritativa, pois o fato é que pregadores precisarão lidar com o texto em seus ministérios de pregação, seja por causa de seus próprios vieses, seja por causa dos de sua audiência (WALLACE, 2009, p. 405).

Tendo em vista fornecer uma diretriz a esse público, aqui serão examinadas as evidências a favor e contra os diferentes finais do evangelho de Marcos. Não se tem em vista chegar a alguma resposta categórica no assunto de qual é o final “correto” para Marcos, assunto este ainda aberto pela erudição vigente, mas, sim, apontar ao esforçado pregador (pastor, seminarista, oficial da igreja, líder leigo etc.) interessado em cumprir fielmente a sua função, diante do que se sabe hoje, aquilo que é mais salutar que seja pregado de púlpito a respeito do capítulo 16 de Marcos: (i) se o final breve, (ii) se o final longo com interpolação, (iii) se “sem final” algum, encerrado no v. 8.; ou (iv) se o final longo, ou tradicional.

Algumas palavras sobre metodologia são importantes para encerrar esta introdução. Em primeiro lugar, o NTG5 é a base para nosso exame, pois seu aparato crítico não é exaustivo, como almeja ser o da *Editio Critica Maior* (ECM), nem é voltado para a exegese acadêmica, como é o do NA28, mas, sim, voltado a “permitir que seus leitores de forma competente leiam, entendam e traduzam o Novo Testamento a partir da língua em que ele foi originalmente escrito (2018, p. xiii), ou seja, ao uso prático e aplicado do texto

grego, dentro do qual se inclui a exegese do expositor do texto bíblico, o público-alvo deste artigo.

Em segundo, dentro da divisão por tipo de final de Marcos, as evidências textuais são examinadas segundo a ordem em que aparecem no aparato crítico do NTG5 (2018, pp. 152-153). Isso facilita ao leitor que decidir acompanhar o presente exame em consulta ao seu testamento grego. Inclusive, o leitor é encorajado a proceder assim, pois a crítica textual é algo técnico e ficará sem sentido se não navegado pelo aparato do NTG5.

Em terceiro, apesar de o NTG5 alicerçar o exame das evidências textuais, eventualmente se farão referências ao já mencionado NA28 (cf. nota 2) e ao *The Greek New Testament: Reader's Edition* (JONGKIND et al, 2018), que é o texto grego da Tyndale House, em Cambridge, cuja comissão elaboradora fez algumas opções diferentes das do NTG5 e do NA28, opções estas que são dignas de nota.

Em quarto e último lugar, pensando no público-alvo, houve um grande esforço por uma bibliografia enxuta e disponível em português. As exceções são as informações de evidência textual não constante nas notas do NTG5 ou do NA28, que tiveram de ser buscadas na obra clássica de Casper René Gregory (em alemão) ou no *New Testament Virtual Manuscript Room* (em inglês). Ambas estas constam na bibliografia com link para acesso virtual.

## EXAME

### a. FINAL BREVE

Primeiramente, qual seria o texto do chamado “final breve” de Marcos? A redação para esse final pode ser encontrada no NTG5, que está idêntico ao encontrado no NA28. Não há esse final no texto da Tyndale House. A tradução do final breve segue abaixo:

Elas narraram brevemente a Pedro e seus companheiros o que lhes havia sido anunciado. E, depois dessas coisas, o próprio Jesus enviou por meio deles, do Oriente ao Ocidente, a sagrada e incorruptível proclamação da salvação eterna. Amém. (OMANSON, 2010, pp. 103)

E onde é encontrado esse “final breve”? Segundo o aparato crítico do NTG5 (2018, p. 153) em manuscritos unciais como o L 019<sup>3</sup> (Paris – *Codex regius*), datado do séc. VIII, o Ψ (Monte Atos – *Codex athous lavrensis*), datado dos séc. IX/X, além do uncial 083/0112, datado dos séc. VI/VII.<sup>4</sup> Os dois primeiros manuscritos teriam os evangelhos completos, se não fossem por algumas lacunas. O uncial L contém o texto dos evangelhos, mas com duas lacunas

---

<sup>3</sup> Se a letra designativa para um manuscrito uncial for também usada para outro uncial, é acrescido o número à letra. E.g., há um uncial L 019 só com os evangelhos, em Paris, e um L 020 com atos, epístolas católicas (i.e., gerais) e epístolas paulinas, em Roma. Cf. a introdução do NTG5 (2018, p. xxii).

<sup>4</sup> Há fragmentos que foram separados em algum momento, mas que têm conexão entre si. É o caso do 083 e do 0112, ambos os quais aparecem no aparato crítico. Para lista dos unciais nessa situação, ver a introdução do NTG5 (2018, pp. xxii-xxvii).

em Mateus<sup>5</sup>, mais duas em Marcos<sup>6</sup> e uma em João<sup>7</sup> (GREGORY, 1900, p. 55). O uncial Ψ contém quase todo o Novo Testamento, faltando-lhe o Apocalipse de João (ALAND; ALAND, 2013, p. 127), mas também com lacunas, inclusive a primeira metade do evangelho de Marcos<sup>8</sup> (GREGORY, 1900, p. 94). Já o uncial 0112, que é parte do uncial 083, contém unicamente trechos de Marcos 14, trechos de Marcos 15 e Marcos 16. Há ainda o uncial 099, datado do séc. VII, mas ele só possui Marcos 16:6-8, o final breve, o final longo e nada mais (ALAND; ALAND, 2013, pp. 130-131).

Além dos manuscritos unciais, dois manuscritos minúsculos são apresentados no aparato crítico do NTG5 para o final breve: o 274<sup>mg</sup> e o 579. O minúsculo 274 apresenta leitura apenas marginal (daí a sigla “mg” sobrescrita) e é tão pouco relevante para tradução do texto que ele não é listado na seção introdutória do NTG5, nem na lista descritiva de minúsculos apresentada em *O texto do Novo Testamento Grego* (ALAND; ALAND, 2013, pp. 149-163),

---

<sup>5</sup> De 4:22 a 5:14 (18 versículos) e em 28:17-20 (quatro versículos). Ou seja, 2% do evangelho de Mateus.

<sup>6</sup> Em 10:16-30 (15 versículos) e 15:2-20 (19 versículos). Ou seja, 5% do evangelho de Marcos.

<sup>7</sup> Em 21:15-25 (11 versículos). Ou seja, 1,25% do evangelho de João.

<sup>8</sup> De 1:1 a 9:5 (328 versículos). Ou seja, 49% do evangelho de Marcos.



mas a paleografia da *K-Liste*<sup>9</sup> o data do séc. X.<sup>10</sup> O minúsculo 579 é mais tardio ainda; segundo o NTG5 (2018, p. xxvii), ele é do séc. XIII.

As evidências restantes são um lecionário datado do séc. VIII, o ℓ 1602, o qual, à semelhança do minúsculo 274, sequer é mencionado na lista de lecionários da introdução do NTG5 (2018, pp. xxix-xxx), e algumas versões antigas do Novo Testamento em outras línguas. Dessas, a mais tardia leitura do final breve pode ser vista nas margens da Antiga Siríaca Heracleana, de 615-616 d.C., ou seja, do séc. VII. Mas duas versões coptas, a Saídica (cop<sup>sa</sup>) e a Boaírica (cop<sup>bo</sup>), datadas a partir do séc. III também trazem o final breve. (2018, p. xxxiii). A última evidência é o manuscrito de Turim da Antiga Latina (it<sup>k</sup>), datado do séc. IV/V, que também o traz. A curiosidade aqui, contudo é que todos os manuscritos que trazem esse final breve trazem *também* o final longo, à semelhança do já mencionado uncial 099. A única exceção a isso é o já referido manuscrito de Turim da Antiga Latina, que contém apenas o final breve (OMANSON, 2010, pp. 104).

---

<sup>9</sup> *K-Liste* é a abreviação para a “Breve lista de manuscritos gregos do Novo Testamento (orig., *Liste der griechischen Handschriften des Neuen Testaments*). Essa lista foi compilada inicial em 1908, por Caspar René Gregory, erudito já citado neste artigo, contendo informações várias sobre cada manuscrito (e.g., a datação). A edição impressa mais recente da *K-Liste* é de 1994, organizada por Kurt Aland, Michael Welte, Beate Köster e Klaus Junack. No entanto, ela é disponibilizada online pela Universidade de Münster, que sedia o “Instituto de pesquisa textual do Novo Testamento” (orig., *Institut Für Neutestamentliche Textforschung*) aqui: <https://ntvmr.uni-muenster.de/liste>

<sup>10</sup> Extraído da *K-Liste* em <https://ntvmr.uni-muenster.de/liste?gaNum=274%25&lang=g>. Acesso em 24 de julho de 2023.

Após as versões antigas, o aparato traz traduções bíblicas modernas em sua relação com o final breve e o final longo. Quando uma tradução bíblica moderna segue claramente uma variante textual, ela é trazida sem colchetes. É o caso da REB (*The Revised English Bible*), de 1989. Quando a tradução parece seguir a variante, mas não de forma idêntica, ela é trazida entre colchetes. É o caso da NIV (*New International Version*), de 1984, e da NBS (*La Nouvelle Bible Segonde*), de 2002. Como traduções modernas não são relevantes para o presente exame, elas não serão mais abordadas. Para mais sobre o uso de traduções bíblicas modernas no aparato crítico, conferir a seção correspondente na introdução do NTG5 (2018, p. xxxix-xlii).

Em conclusão, dada a relativa pouca idade do final breve e o parco testemunho manuscritológico a seu favor, tudo indica que esse final deve ser rejeitado pelo pregador.

## **b. INTERPOLAÇÃO**

Há uma versão do final longo de Marcos que é mais longa ainda, pois, após o versículo 14, há uma interpolação, a qual é mantida em um único manuscrito grego, o *Códice Washingtoniano*, conhecido como W, que data do séc. IV/V (NTG5, 2018, p. xxiii). Essa interpolação, também chamada de *logion* de Freer, porque esse manuscrito foi comprado por Charles Lang Freer, no Cairo, em

1906, é relativamente longa e não pode ser encontrada nem no NTG5, nem no NA28, nem no texto da Tyndale House. No entanto, ele nos é trazido por Roger Omanson e pode ser lido abaixo:

E eles alegaram em sua defesa: ‘este tempo de iniquidade e incredulidade está sob o domínio de Satanás, que não permite que a verdade e o poder de Deus prevaleçam sobre as coisas impuras dos espíritos [ou, que não permite que quem está sob o poder dos espíritos imundos apreenda a verdade do poder de Deus]. Por isso, revela agora a tua justiça’. Foi o que disseram a Cristo, e Cristo lhes respondeu: ‘o fim dos anos do poder de Satanás se cumpriu, mas outros acontecimentos terríveis se aproximam. E eu fui entregue à morte por aqueles que pecaram, para que retornem à verdade e não pequem mais, a fim de que sejam herdeiros da glória de justiça espiritual e incorruptível que está no céu.’ (OMANSON, 2010, p. 104).

Não sendo o intuito presente analisar a teologia da interpolação, o que se pode dizer sobre ela no sentido de transmissão do texto é que o *logion* de Freer talvez tenha sido uma “inserção tardia com o intuito de amenizar a reprovação dos discípulos em 16,14” (HARRINGTON, 2011, p. 129) e que sua existência, mencionada até mesmo por Jerônimo, juntamente com a existência dos demais finais, testifique que “durante algum tempo houve incerteza quanto ao final de Marcos” (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 117). De fato, a incerteza persiste, do contrário, esta discussão seria desnecessária.

Quanto ao que se pode dizer sobre o *logion* de Freer do ponto de vista da crítica textual é que seu minúsculo testemunho

textual desqualifica a interpolação de ser cogitada como tendo chance de haver constado no autógrafo marcano, devendo, portanto, ser rejeitada pelo pregador.

### c. **TÉRMINO NO V. 8, I.E., OMISSÃO DE QUAISQUER FINAIS**

O final longo de Marcos (vv. 9-20) é onde a verdadeira questão reside para o pregador, pois ele é o final que aparece hoje em nossas bíblias em língua portuguesa, seja entre colchetes (como a NAA e a A21) ou não (como a ACF, a ARC e a ARA).<sup>11</sup> Nenhuma delas traz o final breve, muito menos o *logion* de Freer, a interpolação vista na seção anterior. A questão, portanto, resulta no exame entre optar pelo final longo, ou tradicional, de Marcos ou optar por encerrar o evangelho no v. 8. Começemos este exame do mesmo modo que os dois anteriores, a saber, por o que nos informa o aparato crítico do NTG5.

O final longo é **omitido** dos unciais **Ⲁ** e **B**, já apresentados na introdução como considerados pela comissão do NA28 os melhores manuscritos gregos do Novo Testamento (2012, p. xxii). Além disso, o final longo não consta do minúsculo 314 (datado do

---

<sup>11</sup> NAA: Nova Almeida Atualizada; A21: Almeida 21; ACF: Almeida Corrigida Fiel; ARC: Almeida Revista e Corrigida; ARA: Almeida Revista e Atualizada.

séc. XI, segundo a *K-Liste*)<sup>12</sup>, da Antiga Siríaca Sinaítica (sir<sup>s</sup>; séc. III/IV), de um manuscrito da Antiga Copta Saídica (cop<sup>sa</sup>; a partir do séc. III), de alguns manuscritos da Antiga Armênia (arm; a partir do séc. V), da primeira revisão da Antiga Georgiana (geo<sup>1</sup>), nem de um manuscrito da Antiga Georgiana que serviu de base para a segunda revisão da Antiga Georgiana (geo<sup>A</sup>), ambas estas datadas a partir do séc. V. Fora o minúsculo 314, que a comissão do NTG5 aparenta não ter julgado relevante o suficiente para a seu respeito apresentar informações, os demais dados são tirados da introdução do NTG5 (2018, pp. xxvii-xxxiv).

Finalmente, também testemunham contra o final longo algumas referências dos Pais da Igreja, como algumas referências segundo Eusébio (Eusébio mss<sup>seg.</sup> Eusébio; c. 339), uma de duas ocasiões em que Marcos 16 aparecem nos escritos de Epifânio (Epifânio<sup>1/2</sup>; c. 403), em citações indiretas de escritos de Hesíquio (depois de 450) que aparecem em escritos de Severo (Hesíquio mss<sup>seg.</sup> Severo; c. 538 d.C.) e em alguns manuscritos usados por Jerônimo (Jerônimo mss<sup>seg.</sup> Jerônimo; c. 419/420 d.C.). Portanto, os testemunhos dos Pais da Igreja contra o final longo de Marcos são vistos entre o séc. IV e o séc. VI, conforme a datação presente na seção introdutória do NTG5 (2018, pp. xxxv-xxxvii).

---

<sup>12</sup> Extraído da *K-Liste* em <https://ntvmr.uni-muenster.de/manuscript-workspace?docID=30314>. Acesso em 24 de julho de 2023.

#### **d. PRESENÇA DOS VV. 9-20, I.E., DO FINAL LONGO (OU TRADICIONAL)**

Examinadas as evidências constantes no aparato crítico do NTG5 a favor da omissão do final longo, vejamos agora a evidência a favor da **presença** do final longo.

Como já dito, à exceção do manuscrito de Turim da Antiga Latina (it<sup>k</sup>), que contém apenas o final breve (OMANSON, 2010, pp. 104), o final longo está presente em quase todos os manuscritos unciais, minúsculos, lecionários e versões antigas já citadas no exame do final breve e da interpolação.<sup>13</sup> Assim, para não haver repetição desnecessária, só serão comentadas em detalhe aqui as evidências incrementais ao que já foi exposto, ou seja, que apresentam o final longo, mas que ainda não foram citados. O que já foi analisado nas sessões anteriores só será mencionado sem repetição de análise. Além disso, as evidências serão comentadas na ordem em que aparecem no aparato crítico. Novamente, as datações são todas tiradas da introdução do NTG5 (2018, pp. xxix-xxxiv), salvo indicação do contrário.

Primeiramente, o final longo está presente com “nota crítica ou sinal” nos papiros da “Família 1” (f<sup>d</sup>) e no minúsculo 205. Para

---

<sup>13</sup> A ordem em que aparece a evidência no aparato crítico do NTG 5 é papiros, unciais, minúsculos, lecionários e Pais da Igreja (cf. p. xix da introdução), pois assim as categorias são organizadas por ordem decrescente geral de antiguidade, portanto, de relevância documental.

uma amostra de quais papiros compõem a *f*<sup>1</sup> (e a “Família 13”, *f*<sup>13</sup>, que será mencionada adiante) e sua datação, cf. a seção 3.2 da introdução ao NTG5 (2018, pp. xix-xxii), onde se verá que se trata de papiros principalmente do séc. III, mas alguns também do séc. IV, ou seja, anteriores aos unciais **Ⲁ** e B.

Mas que nota crítica seria essa? Ela não é trazida nem no NTG5. Mas ela é trazida no aparato do NA28 (2018, p. 174) e consta no Novo Testamento Grego da Tyndale House, Cambridge, cuja comissão organizadora fez uma opção diferente da textos da que foi escolhida pelas Sociedades Bíblicas Unidas, que produz o NTG5. A opção da Tyndale House foi precisamente pela *f*<sup>1</sup>. A referida nota crítica é um escólio, termo técnico oriundo do grego, *σχόλιον*, que, segundo o DGP (Dicionário Grego-português), significa um comentário explicativo, crítico ou gramatical (2007, vol. IV, p. 101). Esse escólio aparece logo antes do final tradicional de Marcos e ele alerta para a ausência da seção que vem a seguir de algumas das cópias, bem como do cânon conhecido por Eusébio (265 – 339). O escólio é reproduzido abaixo em estilo de maiúsculas, conforme se encontra na edição do *The Greek New Testament: Reader's Edition* (JONGKIND et al, 2018, p. 132):

EN TISI MEN TON ANTIΓΡΑΦΩΝ, ΕΩΣ ΩΔΕ  
ΠΛΗΡΟΥΤΑΙ Ο ΕΥΑΓΓΕΛΙΣΤΗΣ ΕΩΣ ΟΥ ΚΑΙ  
ΕΥΣΕΒΙΟΣ Ο ΠΑΜΦΙΛΟΥ ΕΚΑΝΟΝΙΣΕΝ ΕΝ  
ΠΟΛΛΟΙΣ ΔΕ ΚΑΙ ΤΑΥΤΑ ΦΕΡΕΤΑΙ

O texto acima, em tradução nossa, é vertido como: “Em algumas cópias, de fato, o evangelista é completado aqui. E até aqui Eusébio Panfílio escreveu seu cânon. Em muitas cópias, contudo, estas [palavras] são trazidas”.

Isso é significativo, pois, embora o escólio ateste que alguns manuscritos antigos não contivessem os versículos 9 a 20 – e, à época da redação do escólio, ainda não se conheciam os códices do Sinai (Ⲁ) e do Vaticano (B), descobertos nos séculos XIX e XV, respectivamente, como já dito na primeira seção deste artigo – ele também atesta a existência de uma tradição bastante antiga que, sim, continha o chamado final longo de Marcos.

Retornando ao aparato crítico do NTG5, em sequência ao examinado acima, vê-se para a presença dos versículos 9 a 20 sem quaisquer notas críticas ou demais sinalizações. Os unciais apresentados com o final longo sem quaisquer indicações de contrariedade são, além dos já citados em seções anteriores (L 019, Ψ e W), os manuscritos A (Londres – *Codex alexandrinus*) e o C (Paris – *Codex Ephraemi rescriptus*), ambos contendo quase todo o Novo Testamento e datados do séc. V (ALAND; ALAND, 2013, pp. 117-118). Também possui esse final outro uncial antigo, o D 05 (Cambridge – *Codex Bezae cantabrigiensis*), datado do séc. V, tido como o representante do tipo de texto ocidental por excelência, bem como manuscritos mais tardios, como o Δ (São Galo – *Codex sangallensis*), datado do séc. IX, o Θ (Tbilisi – *Codex koridethi*),



datado do séc. IX. Ou seja, embora a evidência favorecendo o final longo nos papiros seja anterior aos códices do Sinai (Ⲙ) e do Vaticano (B), a mesma evidência nos unciais Ihes é posterior.

Em seguida, é apresentada a “Família 13” ( $f^{13}$ ) como evidência para a presença do final longo. À semelhança da já mencionada  $f^1$ , a  $f^{13}$  é uma família de papiros basicamente do séc. III, mas também do séc. IV, logo, anterior aos códices do Sinai (Ⲙ) e do Vaticano (B). É digno de nota que papiros anteriores aos séc. IV, que é o caso aqui, são dotados de “importância como que automática” (ALAND; ALAND, 2013, p. 90). Aqui, presumivelmente, a comissão do NTG5 julgou a  $f^1$ , devido à sua nota crítica, uma evidência textual mais relevante para a crítica textual do que os unciais citados, os quais, por sua vez, são mais relevantes que a  $f^{13}$ , que é de papiros sem nota crítica, a qual é tida por mais relevante do que os minúsculos que a seguem no aparato crítico, os quais são tidos por mais relevantes para a crítica textual que os unciais bizantinos da sequência, indicados pela abreviação, *Biz* para a crítica textual (cf. nota 13).

Seja como for, em relação aos minúsculos, o aparato crítico mostra que o final longo está presente no 28 (séc. XI), 33 (séc. IX), 157 (c. 1122), 180 (séc. XII), 565 (séc. IX), 597 (séc. XIII), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 1006 (séc. XI), 1010 (séc. XII), 1071 (séc. XII), 1241 (séc. XII), 1243 (séc. XI), 1292 (séc. XIII), 1342 (séc. XIII/XIV), 1424 (séc. IX/X) e 1505 (séc. XII). Ou seja, evidência

tardia, como é típico desse tipo da escrita minúscula grega, que não foi desenvolvida senão no séc. IX (ALAND; ALAND, 2013, p. 148).

A seguir vêm os unciais bizantinos: o E 07 (Basileia – *Codex basilensis*), datado do séc. VIII, o G 011 (Londres e Cambridge – *Codex seidelianus I*), datado do séc. IX, o H 013 (Hamburgo e Cambridge – *Codex seidelianus II*), datado do séc. IX, e o  $\Sigma$  (Rossano – *Codex purpureus rossanensis*), datado do séc. VI. Sobre o H 013, O aparato crítico do NTG5 o apresenta como “de forma incompleta”. Isso é porque há uma lacuna entre o final de Marcos 15 até Marcos 16:14, ou seja, o final longo só está presente do v. 15 em diante (GREGORY, 1900, pp. 51-52), portanto, uma evidência pela metade do final longo.

Seja como for, em relação à evidência dos unciais, há uma significativa amplitude temporal de evidência em favor do final longo, desde códices de tipo alexandrino e ocidental, do séc. V, a uma evidência bizantina iniciando no séc. VI e indo até meados da idade média.

Após os unciais bizantinos, vem a abreviação *Lec*, que significa que o final longo aparece na maioria dos lecionários selecionados juntamente com o texto do lecionário da Igreja Grega (2018, p. xxx). Ou seja, o testemunho dos lecionários gregos, que varia do séc. IX ao XVI, é favorável ao final longo. No entanto, trata-se de um testemunho bastante tardio, portanto, menos relevante.

Em sequência ao testemunho geral dos lecionários, são apresentadas as evidências das antigas versões bíblicas. As várias das versões da **Antiga Latina** que testemunham a favor do final longo são: o manuscrito 15 de Estocolmo (it<sup>aur</sup>; séc. VII), o manuscrito 75 de Paris (it<sup>c</sup>; séc. XII/XIII), o de Cambridge posteriormente suplementado<sup>14</sup> (it<sup>dsup</sup>; séc. V), o manuscrito 8 de Paris (it<sup>ff2</sup>; séc. V), o de Leon (it<sup>l</sup>; séc. VII), ambos os manuscritos 16 de São Galo, tanto o do séc. V (it<sup>n</sup>) quanto o do séc. VII (it<sup>o</sup>), e o manuscrito 13 de Munique (it<sup>q</sup>; séc. VI/VII). A **Vulgata** também traz o final longo. As várias versões da **Siríaca**: a Antiga Curetoniana (sir<sup>c</sup>; séc. III/IV), a Peshita (sir<sup>p</sup>; primeira metade do séc. V), a Heracleana (sir<sup>h</sup>; c. 615/616 d.C.) e Palestina (sir<sup>pal</sup>; c. séc. VI). As versões da **Copta**: a Boaírica (cop<sup>bo</sup>) e a Faiúmica (cop<sup>fai</sup>), ambas de a partir do séc. III. Finalmente, também testemunham a favor do final longo alguns manuscritos da Antiga Armênia (arm<sup>mss</sup>; a partir do séc. V), um dos manuscritos georgianos que serviram de base à segunda revisão da versão georgiana (geo<sup>B</sup>; a partir do séc. V) e a Eslava Eclesiástica Antiga (esl; a partir do séc. IX), embora alguns de seus manuscritos só contenham os vv. 9-11 do final longo. Ou seja, apesar de quase todas as versões antigas que contêm o final longo não serem mais antigas do que os códices do Sinai (Ⲁ) e do Vaticano (B), ainda assim há duas versões coptas (Boaírica e Faiúmica) e uma das siríacas

---

<sup>14</sup> Quando o NTG5 traz o *sup* sobrescrito a uma evidência textual, isso significa que “uma parte de um manuscrito ou do texto de um Pai da Igreja foi suplementada posteriormente, pois faltava no original” (2018, p. xlvihi).

(Antiga Curetoniana) que têm pelo menos a mesma idade que esses códices.

Seguem-se, então, as evidências dos Pais da Igreja. O final longo está presente na tradução latina da obra de Irineu (Irineu<sup>lat</sup>; séc. II), em alguns manuscritos, segundo Eusébio (mss<sup>seg. Eusébio</sup>; 339),<sup>15</sup> na leitura mais provável de alguma obra de Astério (Astério<sup>vid</sup>; entre séc. IV/V),<sup>16</sup> nas Constituições Apostólicas (c. 380), em uma citação duvidosa atribuída a Dídimo (Dídimo<sup>duv</sup>; 398), na outra de duas ocasiões em que Marcos 16 aparecem nos escritos de Epifânio (Epifânio<sup>1/2</sup>; c. 403), no Eremita Marcos (depois de 430), em Severiano (depois de 408), em Nestório (depois de 451), em alguns manuscritos, segundo Severo (mss<sup>seg. Severo</sup>; 538). O ponto e vírgula após a referência a Severo significa que as evidências oriundas de escritos dos Pais Gregos acabaram e que agora começam as dos Pais Latinos. Nestes, o final longo está presente na obra polêmica de pseudo-Cipriano, chamada Rebatismo (258)<sup>17</sup>, em Ambrósio (397), em alguns manuscritos, segundo Jerônimo (mss<sup>seg. Jerônimo</sup>; 419/420) e em Agostinho (430). Para o que serve ao presente propósito, o aparato crítico se encerra aí. Assim, há Pais da Igreja anteriores aos

---

<sup>15</sup> Há duas opções de identificação para o nome Eusébio na introdução do NTG5 (2018, p. xxxvi): Eusébio de Cesareia (339) e Eusébio de Emesa (c. 359). Optei pelo primeiro, Eusébio Panfílio, bispo de Cesareia, por causa da evidência já mencionada do escólio da *f*<sup>l</sup>.

<sup>16</sup> Há duas opções de identificação para o nome Astério (cf. ref. nota anterior). Como me faltam recursos para dizer se o aparato se refere a Astério de Amaseia (c. 410) ou a Astério Sofista (depois de 341), incluí o período que abrange ambos.

<sup>17</sup> Por vezes mais conhecida por seu título latino, *De rebaptismate*, mas mantido em português aqui porque é como consta no aparato crítico.

códices do Sinai (**Ⲙ**) e do Vaticano (**B**) que conheciam o final longo de Marcos.

A situação fica mais complexa quando se constata que mesmo autores que rejeitam o final longo de Marcos admitem que sua tradição remonta pelo menos ao séc. II (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 117). Eusébio e Jerônimo (séc. IV e V, respectivamente), além de possivelmente Clemente de Alexandria e Orígenes (séc. II e III, respectivamente), podiam até não conhecer o final tradicional de Marcos, mas ele não era desconhecido de Irineu e talvez de Justino Mártir, ambos do séc. II, além de constar no Diatessarão de Taciano, discípulo de Justino, também do séc. II (OMANSON, 2010, pp. 102-103).

O Diatessarão de Taciano merece ser comentado, pois ele não é apresentado no aparato crítico de Marcos 16 no NTG5, no entanto, ele não é de modo algum desconhecido da comissão. Inclusive, a obra não apenas consta na lista de Pais Gregos na introdução do NTG5 com a datação relevante e antiga do séc. II (2018, p. xxxvi), como também possui ainda uma seção da introdução dedicada exclusivamente à obra de Taciano (2018, p. xxxviii). Há, portanto, algumas coisas relevantes a se comentar aqui.

Primeiramente, sobre sua natureza: o Diatessarão é uma harmonização dos quatro evangelhos, como revela o próprio nome “diatessarão”, que é o aportuguesamento de *διὰ τεσσάρων*, ou seja, literalmente, “através dos quatro”. Em segundo lugar, sobre sua

omissão do aparato crítico: a comissão do NTG5 enxerga o Diatessarão como uma fonte muito problemática para a crítica textual devido a não ter sido “preservada em sua forma original” e a não “serem conhecidas as fontes e métodos empregados por Taciano”. A comissão admite que as traduções e revisões do Diatessarão com certeza “permitem uma impressão bastante precisa do perfil da obra”, mas, uma vez que falta uma “investigação definitiva” da fonte, ela não atingia o critério de exatidão pretendida pela comissão do NTG5. No entanto, para não o descartar completamente, o NTG5 leva em conta apenas o mais antigo comentário da obra de que se dispõe, que é de autoria de Éfrem (ou Efraim) da Síria, falecido em 374. A sessão introdutória elaborada pela comissão conclui com recomendação de “muita cautela” no uso do Diatessarão como testemunha textual do Novo Testamento.

Conquanto essa recomendação de cautela seja louvável, a própria comissão não parece tê-la aplicado de modo consistente. Mesmo com uma admitida falta de “investigação definitiva” acerca dessa evidência, o Diatessarão devido à sua antiguidade, poderia ter sido incluído no aparato crítico com grau de certeza avaliado em nível C (“foi difícil para a comissão decidir”), em nível D (“foi muito difícil para a comissão decidir”) ou com o losango preto (◆) de impossibilidade de alcançar uma decisão definitiva por parte da comissão (2018, p. xvii). Mesmo que se aceite que, por questões de espaço, a comissão tenha optado por manter evidências com grau de certeza em nível A, para a discussão dos vv. 9-20 (2018, p. 152), e

A e B (2018, p. 153) para leituras conflitantes no final breve, ainda assim, se encontra na introdução elaborada pela comissão a inconsistência de descrever textos entre colchetes duplos, que é o caso de Marcos 16:9-20, como “reconhecidamente” acréscimos (2018, p. xvii) e, em outra parte, como “considerados” acréscimo (2018, p. xlvi). A primeira explicação para os colchetes duplos é categórica e peremptória, ao passo que a segunda aponta algo como o consenso vigente dado o que se sabe, portanto, um assunto não fechado. De fato, não se pode fechar o assunto enquanto a “investigação definitiva” (2018, p. xxxviii) de uma fonte importante como o Diatessarão de Taciano não for realizada, ainda mais quando a sua “antiguidade e importância são evidentes” (2018, p. xlvi)

Portanto, a antiguidade da tradição do final tradicional impede que estudiosos do assunto sejam excessivamente dogmáticos neste quesito, apesar do aparente consenso entre a erudição da ciência da crítica textual do Novo Testamento ser de que o final tradicional do evangelho de Marcos não é legítimo do autógrafo marcano.

## **CONCLUSÃO**

Como dito na introdução, o objetivo do presente trabalho é, à luz do que foi examinado, dar um parecer acerca da seguinte questão: o que deve ser pregado do púlpito do capítulo 16 de Marcos? A conclusão e resposta é que, dado o que se sabe, o final

tradicional de Marcos, conforme se o conhece (vv. 9-20, sem interpolação), sim, pode e deve continuar a ser pregado do púlpito.

Deve-se admitir que não é apenas a academia sem confissão religiosa oficial que, baseada nos códices do Sinai (Ⲁ) e do Vaticano (B), favorece o término do evangelho de Marcos no v. 8, pois há acadêmicos de linha protestante ortodoxa que, pelo mesmíssimo motivo, preterem os finais de Marcos para além do v. 8, e.g., D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris (1997, p. 117). Outros ainda defendem essa mesma posição, mas baseado em argumentos gramaticais. Daniel B. Wallace, por exemplo, famoso exegeta batista de linha ortodoxa, é taxativo em dizer que o final longo de Marcos é espúrio <sup>18</sup> (WALLACE, 1996, p. 615) devido a supostas inadequações vocabulares desse trecho com o restante do Novo Testamento (WALLACE, 1996, p. 621).<sup>19</sup>

Não obstante, o fato é que está evidenciada pelo próprio aparato crítico do NTG5 a existência de tradições em prol do final tradicional que antecedem os reverenciados manuscritos unciais Ⲁ e B em dois séculos, particularmente na figura do Diatessarão de Taciano; em um século, na figura dos papiros da “Família 1” e da “Família 13”; e em pelo menos igual antiguidade, na figura de duas

---

<sup>18</sup> No original em inglês, “a *spurious text*”. Na edição brasileira, “um texto *duvidoso*”.

<sup>19</sup> Wallace aponta que apenas dez vezes o atípico particípio aoristo de *πιστεύω* ocorre no Novo Testamento, sendo duas delas justamente no final longo: *πιστεύσας* ocorre em Marcos 16:16 e *πιστεύσασιν*, em Marcos 16:17. A forma mais comum e que ocorre cerca de 50 vezes é o particípio presente (*πιστεύων*).



versões antigas coptas (a Boáfrica e a Faiúmica) e uma siríaca (Antiga Curetoniana).

Merril C. Tenney sintetiza a situação:

A genuinidade dos últimos doze versículos de Marcos são contestadas [sic] a partir de fundamentos textuais, visto que vários dos manuscritos mais antigos e mais dignos de confiança os omitem completamente. Existem vários finais para esse evangelho, se bem que o que nos é mais familiar seja o melhor de todos eles. Em todo o caso, esse acréscimo pode ser encontrado do fim do século II e apresenta tão fortes afinidades com as outras narrativas da ressurreição que **há boas razões para crer que contenha informações autênticas**. Se foi o próprio Marcos quem o descreveu, então ele o adicionou à obra provavelmente como um epílogo, visto que começou com um resumo daquilo que já dissera nos primeiro oito versículos. (TENNEY, 2008, p. 182, grifo nosso)

Assim, até que evidência comprobatória surja para desbancar o precedente estabelecido pela antiguidade da evidência apresentada – representada por papiros, versões antigas e evidências da patrística – é salutar que o pregador pregue o final tradicional do evangelho segundo São Marcos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, Barbara, et al (Eds). **Novo Testamento Grego**. 5ª Ed Rev. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

ALAND, Barbara, et al (Eds). **Novum testamentum graece**: Edição com margens. 28ª Ed Rev. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento:** Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. Trad. Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

**BLACKWOOD, A. W. A preparação de sermões.** Trad. D. Macedo. São Paulo: ASTE, 1965.

**BÍBLIA** Sagrada. 2ª ed. rev. e atualizada no Brasil. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.

GREGORY, C. R. **Textkritik des Neuen Testaments.** Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1900. Disponível em: <http://cuts2.com/WMdWU>. Acesso em: 24 de julho de 23.

HARRINGTON, Daniel J. O Evangelho segundo Marcos. In: BROWN, Raymond E.; FITZMEYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Eds.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:** Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

**K-LISTE** of the New Testament Virtual Manuscript Room. Münster: Institute for New Testament Textual Research, 2023. Disponível em: <https://ntvmr.uni-muenster.de/>. Acesso em 24 de julho de 23.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria; NEVES, Maria. (Orgs). **Dicionário grego-português.** Vol. IV. 2ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento:** Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Trad. Vilson Scholz. Estugarda: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

JONGKIND, Dirk, et al (Eds). **The Greek New Testament: Reader's Edition**. Cambridge: Tyndale House; Wheaton, IL: Crossway, 2018.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. Trad. Antonio Fernandes. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. Trad. Roque Nascimento Albuquerque. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.

## **Abstract**

A careful preacher may have noticed that there is a textual issue at the end of the gospel of Mark, on vv. 9-20, which appear between brackets in some modern translations. What some may ignore is that there are more options than simply including or omitting vv. 9-20 from the Scriptures. In this paper, four different endings of Mark are examined: the shorter ending, the longer ending with an interpolation (the Freer Logion), the short ending on v. 8, and the traditional longer ending. Preachers are the target audience here. This paper doesn't intend to contribute to the debate about which one is the "correct" ending of Mark; rather, it seeks to answer the following questions: given the available textual evidence, is it or is it not salutary to preach beyond Mark 16:8 from the pulpit? If so, which of the available endings? The assessment is from the critical apparatus of the 5<sup>th</sup> edition of the Greek New Testament (UBS5), published by the Brazilian Bible Society, which focuses on the practical and applied use of the Greek text, i.e., the preaching and translation of the New Testament. Grammatical and theological considerations are not central here because the emphasis is on textual criticism. After assessing all of the evidence brought by the UBS5, be it from the apparatus or from the introductory section, the paper concludes that the preacher who wishes to keep on preaching the traditional longer ending may continue to do so because the force of the favorable evidence to this one ending lies in the antiquity of several papyri, of

patristic sources (e.g., the Diatessaron Tatian), and some of the ancient versions of the Bible, and it has not yet been displaced.

**KEYWORDS**

manuscriptology, New Testament textual criticism, shorter ending of Mark, longer ending of Mark, Freer Logion